

cartilha produzida pelas alunas e pelos alunos do Infes/UFF

DIVERSIDADE E POVOS ORIGINÁRIOS

Tibira do Maranhão



Esta cartilha foi criada durante o período de **Estágio Docente** do curso de Educação do Campo do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior - Universidade Federal Fluminense.

aluno

- Paulo Vitor Melo França

coordenador

- Fabio A. G. Oliveira

bibliografia

BBC News. O índio executado a tiro de canhão tido como “primeiro mártir da homofobia no Brasil”, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55462549> . Acesso em: 28 abr. 2020.

FERNANDES, Estevão Rafael. Luxúria e selvageria na invenção do Brasil: enquadramentos coloniais sobre as sexualidades indígenas. *Fronteiras: Revista de História*. V.18. N. 32. p. 239 - 267. Jul. / Dez. 2016.

FERNANDES, Estevão Rafael. Homossexualidade indígena no Brasil: Um roteiro histórico-bibliográfico. *ACENO*, Vol. 3, N. 5, p. 14-38. Jan. a Jul. de 2016.

GGB. Grupo Gay da Bahia. São Tibira do Maranhão, 2014. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/2014/12/06/sao-tibira-do-maranhao-4o-centenario-do-primeiro-indio-martir-da-homofobia-no-brasil-1614-2014-lancamento-de-dois-livros-na-biblioteca-dos-barris-9-dezembro-18hs/> . Acesso em: 28 abr. 2021.

MOTT, Luís e FERREIRA, Airton. São Tibira do Maranhão: 1613-2013. São Luís, Editora GGB, 2013.

filmografia

Terra Sem Pecado. Direção: Marcelo Costa. 2020. (20 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BUuqAd-Gq8w>

arte: Denis Duarte

Tibira, o indígena assassinado por sodomia

Registros históricos apontam para o ano 1614 como sendo a primeira ocorrência de um assassinato de um indígena em solo brasileiro por motivos de homofobia. Embora na ocasião o termo homofobia não fosse empregado, o uso da palavra evidencia a motivação de tal execução, conforme relatos na obra “Viagem ao Norte do Brasil feita nos anos de 1613 e 1614”, de autoria do missionário francês Yves d’Évreux. Além disso, a morte de Tibira traz à tona discussões importantes sobre a violência colonial imposta contra a diversidade indígena.

A vítima do episódio mencionado anteriormente foi um indígena Tupinambá, conhecido hoje como Tibira do Maranhão. Sua execução foi autorizada por religiosos Capuchinhos da Igreja Católica que estavam em missão no Brasil junto com 500 colonos franceses. A decisão pode ser considerada, além de tudo, arbitrária, uma vez que não havia o conhecimento do Papa e nem o aval da Santa Inquisição para o ato. O pretexto desta execução, no entanto, compunha o projeto colonial: purificar as terras brasileiras do "mais sujo dos pecados": o pecado de sodomia.



Registros afirmam que, antes de ser pego, Tibira tentou escapar, fugir; ele teria ficado escondido nas matas por dias até que foi encontrado por colonos e povos/grupos rivais.

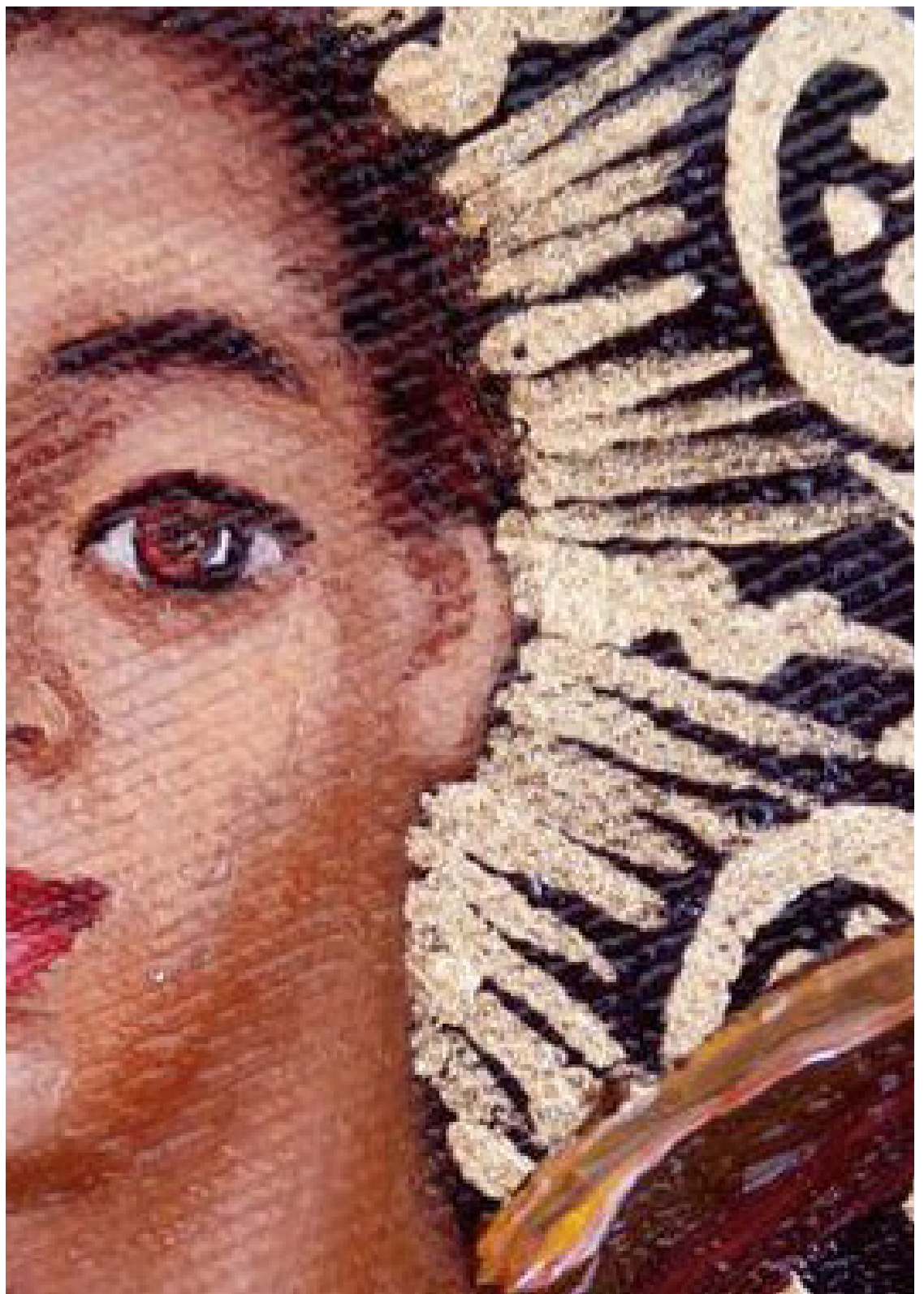
Tibira foi levado até a muralha do forte de São Luís, localizada no estado do Maranhão. Lá, amarraram seu corpo pela cintura à boca de um canhão e lançaram fogo. Registros afirmam que **a bala dividiu o corpo de Tibira em duas partes. A parte superior foi levada ao mar, enquanto a inferior teria ficado aos pés da muralha.** Antes de ser executado, no entanto, os jesuítas o batizaram de Dimas, em referência àquele considerado praticante de um crime perdoado por Jesus na crucificação (o bom ladrão).

É possível relacionar a morte de Tibira com a colonização? Seria a colonização o primeiro registro de uma violência homofóbica que ainda persiste e ganha novos contornos no Brasil?

Seria a homofobia uma herança colonial?

Todas essas questões parecem nos conduzir para uma resposta afirmativa. Afinal, é inegável que, para aquela época, o assassinato de Tibira serviu como um exemplo para impor aos nativos a moralidade político-religiosa, patriarcal e heteronormativa dos colonizadores sobre os povos originários.





A história de Tibira e os dias atuais

Para recuperar a memória de Tibira, o Grupo Gay da Bahia (GGB) lançou uma campanha a favor de sua canonização como **o primeiro mártir gay indígena brasileiro**. No ano de 2016 foi erguida uma placa em sua memória no centro histórico de São Luís do Maranhão, cidade onde foi executado. O GGB tem papel preponderante na disseminação da história de Tibira, além de uma contribuição significativa para entendermos as raízes da violência contra a população LGBTI+ no Brasil.

Afinal, conforme aponta o GGB "50% dos assassinatos de LGBT do mundo ocorrem no nosso país; um "homicídio" a cada 28 horas. Um total de 284 crimes homofóbicos somente neste ano".

Esta cartilha mostra como a homofobia e a colonização no Brasil podem ser pensadas de forma conjugada. O aniquilamento das culturas de povos originários implica na invisibilidade de sua diversidade étnico-cultural, incluindo o aniquilamento da diversidade sexual e expressões de gênero consideradas um erro à norma colonial imposta sob tanta violência.

Atualmente muitos indígenas produzem conteúdos em plataformas digitais e em redes sociais com a finalidade de compartilhar histórias, experiências e múltiplas narrativas que questionam e colocam em xeque os estereótipos associados aos povos indígenas até os dias atuais, dentre eles o da cisheteronormatividade compulsória.

Ao lado divulgamos alguns entre tantos nomes de indígenas que pautam essa e outras discussões relevantes sobre a diversidade dos povos indígenas.

@coletivo.tibira

@daiaratukano

@elianepotiguara

@emersonpataxo

@guajajarasonia

@indigenaslgbtq

@katumirim

@midiaindiaoficial

@myrianveloso







LEA

Laboratório de Ética Ambiental e Animal

